Desenvolvimento local, religiosidade e turismo: agenciamentos e os atores sociais de Natividade - Tocantins

Poliana Macedo de Sousa[[1]](#footnote-1)

**Resumo**: A Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, são festas religiosas de Natividade (TO) que movimentam a economia local da cidade. Esta pesquisa buscou compreender como se dá a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso, por meio do agenciamento dos atores sociais em torno de uma identidade religiosa que é atribuída à cidade. Utilizou-se, em cultura e identidade, autores como Bajoit (2006) e a teoria gestão relacional de si, atrelada ao *habitus* apresentado por Bourdieu (2009), enquanto modo de vida, que influencia as forças performáticas tratadas por Yúdice (2004). Sobre desenvolvimento local, utilizou-se autores que tratam o desenvolvimento endógeno e visualizam a cultura enquanto fator gerador de desenvolvimento para uma comunidade ou região. A pesquisa foi exploratória, com abordagem fenomenológica e etnográfica. Por fim, compreende-se que existe uma lógica de organização dos atores sociais da comunidade de Natividade, de modo que há os agenciamentos em torno das festas religiosas, mas não voltados para o turismo religioso em si.

**Palavras-chave**: Turismo. Identidade. Religiosidade. Natividade. Tocantins.

Local Development, Religiosity and Tourism: agencies and social actors in Natividade – Tocantins

**Abstract**: The Feast of the Divine Holy Spirit and the Pilgrimage of Senhor do Bonfim are religious festivals in Natividade (TO) that boost the city's local economy. This research sought to understand how the relationship between local development and religious tourism occurs, through the agency of social actors around a religious identity that is attributed to the city. In culture and identity, authors such as Bajoit (2006) and the theory of relational management of the self were used, linked to the habitus presented by Bourdieu (2009), as a way of life, which influences the performative forces addressed by Yúdice (2004). Regarding local development, authors who deal with endogenous development and view culture as a factor that generates development for a community or region were used. The research was exploratory, with a phenomenological and ethnographic approach. Finally, it is understood that there is a logic of organization of the social actors of the community of Natividade, so that there are agencies around religious festivals, but not focused on religious tourism itself.

**Keywords:** Tourism. Identity. Religiosity. Nativity. Tocantins.

1. Introdução

O município de Natividade, cidade histórica da região sudeste do Tocantins e distante 218 km da sua capital, Palmas, é uma cidade interiorana, ao pé da Serra da Natividade, que ainda conta com suas ruas de paralelepípedo, casas centenárias preservadas ao longo dos anos, ruínas e igrejas, uma herança da sociedade escravocrata que por ali viveu.

A cidade contabiliza 250 imóveis do período colonial, edificações seculares, e mantém preservadas muitas crenças, além de tradições e festas religiosas, de forma que, em 1987, Natividade passa a ser reconhecida pelo IPHAN como patrimônio histórico nacional.

Conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022, o município registra 8.754 mil habitantes (IBGE, 2022), cuja principal atividade econômica é a administração e serviços públicos (com 35,57%); seguida pelo setor de serviços (25,06%); e indústria (23,52%). A cidade também é conhecida por sua extração do calcário dolomítico (Negreiros Neto, 2015).

Natividade possui uma extensão territorial de 3.241,672 km², está localizada na região sudeste do estado do Tocantins. O percentual de população ocupada equivale a 13,53%, ou 883 pessoas, sendo o salário médio mensal dos trabalhadores formais de 1,9 salário-mínimo. Outros 43,7% da população possui rendimento nominal mensal per capita de até meio salário.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as principais festas religiosas da cidade de Natividade -Tocantins, neste caso, a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, de forma a reconhecer e analisar como se estabelece a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso, por meio do agenciamento de seus atores em torno de uma identidade religiosa e cultural que é atribuída à cidade.

As festas religiosas na cidade promovem uma grande concentração de pessoas que se organizam todos os anos para manter essas tradições, fazendo com que essas festividades se tornem uma característica local, ou seja, reforçando e/ou reconhecendo ali uma identidade do lugar.

Entende-se que Natividade segue esse modelo de expressão cultural por meio de suas festas populares e vive em torno de suas principais festividades religiosas durante seis meses do ano, de forma sequencial a partir de março e/ou abril, iniciando com a Festa do Divino Espírito Santo, e logo depois, em agosto, com a Romaria do Senhor do Bonfim.

Para entender os agenciamentos, precisa-se compreender como está sendo trabalhado o turismo pelos atores sociais e principalmente, como estão sendo trabalhados os projetos em torno desse segmento em Natividade. Para tanto, foram utilizados diferentes meios de coleta de dados, como: visitas aos diversos ambientes da cidade durante as celebrações das festas e em épocas fora das festividades, até mesmo em horários diferenciados, para observação das atividades cotidianas e dos diferentes usos do espaço; observação direta e registro sonoro, fotográfico e audiovisual das atividades realizadas durante as festas nos anos de 2018 e 2019; visitas e conversas informais por meio de aplicativos de trocas de mensagem, redes sociais e pessoalmente com a comunidade, nos anos de 2019, 2020 e 2021, em que se buscaram informações para que os pontos de vista dos atores fossem levados em consideração na análise dos dados; foram realizadas ainda entrevistas abertas, deixando os participantes à vontade para tratar em maior ou menor extensão das questões de seu interesse; além da consulta aos arquivos, livros, matérias jornalísticas, estudos e documentos históricos da comunidade referentes às festividades pesquisadas.

Em 2020, devido às medidas de distanciamento sociais estabelecidas pelos governos (federal, estadual e municipal) e devido à pandemia do novo coronavírus, a metodologia utilizada durante a produção de dados desta pesquisa foi adaptada às novas condições de contato social. O método *snowball* (COLEMAN, 1958 *apud* HANDCOCK; GILE, 2011)foi utilizado para a seleção dos entrevistados em que um entrevistado indica o próximo.

Logo, as festas religiosas de Natividade envolvem muitas pessoas, são ricas de significado e de fé. As pessoas são motivadas a estarem no local, independentemente da estrutura e/ou dos serviços oferecidos durante essa estada, pois, quando se fala de religiosidade, adentra-se um território muito particular e misterioso do ser humano, que é a fé.

1. Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim

A Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim foram estabelecidas como tradição[[2]](#footnote-2) no Tocantins. Entende-se que essas festas são diferenciadas na região, caracterizando-se pela sua singularidade, nas quais os ritos e as celebrações são específicos para seus públicos.

Sobre as festas religiosas em Natividade, o que se tem de informação atualmente se resume às matérias jornalísticas nos meios de comunicação, inclusive nos oficiais do governo do estado, arquivos na Associação Comunitária e Cultural de Natividade (ASCCUNA), material produzido pelo IPHAN, além de trabalhos de conclusão de curso e alguns artigos científicos. Entre os pesquisadores que trabalham com religiosidade e festas religiosas no Tocantins, pode-se citar Bonfim, Araújo e Nascimento (2021), Messias (2010), Oliveira (2010), Sousa (2017) e Souza (2012).

2.1 Festa do Divino Espírito Santo

A festa israelita para a celebração de Pentecostes[[3]](#footnote-3) tem origem remota em cultos pagãos cananeus ligados a terra e colheita dos cereais que acabaram por se judaizar. Caracterizada como uma festa católica, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir os fiéis em torno da mensagem de Cristo, a festa de Pentecostes dá lugar às manifestações comunitárias de regozijo e alegria em que as pessoas do campo se reuniam na cidade mais próxima, seguindo em procissão, cantando e dançando em louvor ao Divino Espírito Santo.

No entanto, tal tradição de que a rainha Isabel de Aragão seria a precursora do culto ao Espírito Santo é contrariada pela existência de documentação mais antiga, que se refere à existência de modelos culturais dessa natureza anteriores e ligados intimamente às confrarias do Espírito Santo (Lopes, 2004).

A festa chegou ao Brasil por meio da colonização dos portugueses. Todavia, as escassas e pouco precisas referências que existem acerca das origens das festas do Divino em terras brasileiras, ainda hoje vivas, remetem-nos principalmente para o período compreendido entre o primeiro e o terceiro quartos do século XIX, embora, por exemplo, em Pirenópolis, no estado de Goiás, a festa parece ter sido introduzida em meados do século XVIII, à semelhança, aliás, de Guaratinguetá, no estado de São Paulo, com informações remontando a 1751 (Abreu, 1999). Já no Tocantins, as festas vão de janeiro a julho de acordo com as características de cada localidade e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do estado (Messias, 2010).

A Festa do Divino Espírito Santo de Natividade destaca-se por sua singularidade, em que alguns personagens, ritos e celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil e, em consequência, para a região central do país. É na década de 80 do século XX que as comemorações em torno da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade tomam “corpo”, tomam forma, características e movimentam a comunidade (Messias, 2010).

Em Natividade, a Festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada 50 dias depois da Páscoa, precisamente no sétimo domingo após a Ressurreição de Jesus, em que símbolos como a pomba e o vermelho representam, respectivamente, o Divino e o fogo, e estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, seja na decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões.

A preparação para a festa inicia-se um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador, no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não “soltar” alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos, sejam estes em dinheiro, sejam produtos para realização da festa. Tradicionalmente, são três folias que saem na Festa do Divino do Espírito Santo em Natividade: a Folia de Cima, a Folia dos Gerais e a Folia do Outro Lado do Manoel Alves.

Com o passar do ano, as atividades em torno da festa continuam: reuniões para escolha dos alferes, foliões, locais e roteiros dos pousos, composição de músicas, entre outras, até a chegada do dia das celebrações solenes, como a Saída das Folias, no Domingo de Páscoa da Semana Santa, os 40 dias de Giro das Folias, a Festa do Capitão do Mastro, a Coroação e Festa do Imperador do Divino Espírito Santo.

Antes, durante e depois da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade e em todo o processo de organização dela, demonstra-se que as pessoas envolvidas, cada qual com sua habilidade, trabalham para conseguir realizá-la da melhor maneira possível, com abundância de comida e bebida.

Logo, a festividade é caracterizada por ser uma festa comunitária, solene e repleta de ritos, predominando o dever e a obrigação por parte de todos, seja na preparação das comunidades, seja nos pousos, no giro das folias e em todos os rituais que a complementam.

2.2 Romaria do Senhor do Bonfim

No Brasil, mais precisamente na Bahia, o culto ao Senhor Bom Jesus do Bonfim nasceu em 1740, com a vinda a Salvador do então capitão de Mar e Guerra, o português Theodósio Rodrigues de Faria. A devoção ao Senhor do Bonfim também aparece em outras regiões do país.

Apesar de não se saber precisar a data da origem da devoção ao Senhor do Bonfim no Tocantins, há registros da existência e movimentação de milhares de pessoas para a Romaria em Natividade antes de 1883, data na qual “o Bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de Leão fez uma visita pastoral em toda a sua diocese, alcançando também já a Romaria do Senhor do Bonfim e Porto Nacional” (Pedreira, 2016, p. 29). Além das menções em jornais como Norte de Goyaz[[4]](#footnote-4), que publicou textos referentes à Romaria do Bonfim de Natividade entre 1908-1911. Esses periódicos tratavam de informar sobre as ilustres famílias da região que seguiam para a Romaria do Bonfim ou mesmo regressavam de lá. Havia também informação sobre deslocamento do bispo e vigários para a região de Natividade, na mesma época da Romaria.

A Romaria do Senhor do Bonfim acontece na comunidade rural do Bonfim, distante a 23 km do município de Natividade. Realizada entre os dias 6 e 17 do mês de agosto, é apontada como uma das festas religiosas mais expressivas do estado do Tocantins, sendo um evento que atrai pessoas de vários outros estados e desenvolve um papel regional relevante no que se tange ao cenário religioso, além de atrair grande atenção da mídia regional.

O santuário destaca-se pela igreja e seu largo, espaço dos romeiros e referência das celebrações religiosas, atuando como um elemento organizador da comunidade do Bonfim. As casas da comunidade circundam o santuário e em sua grande maioria ficam fechadas por quase todo o ano, só sendo reabertas no período da Romaria, seja para hospedagem de amigos ou familiares, seja para locação a terceiros. Por seu número de visitantes ser expressivo durante os dias da Romaria, “a maioria das pessoas se instala em acampamentos improvisados e, diga-se de passagem, em condições precárias” (Souza, 2012, p. 228).

O caminho até o Santuário do Bonfim é marcado por estações que representam a Via Sacra, que são os últimos momentos de Jesus Cristo. O governo do estado e algumas organizações paraestatais oferecem pontos de apoio com água e frutas aos romeiros. A construção de uma Via dos Romeiros não foi finalizada, e as pessoas caminham pelo acostamento da rodovia BR-010. Placas de sinalização alertam motoristas e pedestres quanto ao perigo de romeiros caminhando na pista ou no acostamento.

Todo o caminho é um ritual; seja em grupo, seja sozinho, cada devoto segue seu caminho de penitência. A organização da Romaria em cada época vai tomando aspectos diferentes, as pessoas, os métodos, os mecanismos de trabalhos, isso tudo vai se adequando ao tempo e à boa vontade de todos aqueles que se empenham com o andamento e os serviços.

No santuário, em local não “sagrado” há barracas de comerciantes ambulantes, os quais pagam taxas (conforme o tamanho da barraca) para estar ali, no “shopping do Bonfim”, uma alusão que os romeiros fazem aos grandes centros comerciais das cidades. Muitos comerciantes de Natividade abrem filiais no Bonfim, como supermercados, farmácias e barbeiros.

A questão religiosa é a principal motivação dessas pessoas no local, mas os romeiros também se interessam por todo o contexto de sociabilidade que a Romaria traz consigo: comércio, festa e reencontros. Outro local de aglomeração de romeiros, dentro do contexto da Romaria do Bonfim, é a praia do Rio Manoel Alves.

Apesar de todo esse cenário, o clero sempre reforça nas homílias e nas suas falas públicas que a Romaria não é um passeio turístico, não é só festa, mas sim uma caminhada de fé que não tem seu ponto final no santuário, mas é ali que os romeiros fortalecem sua fé.

1. Cultura e desenvolvimento local: uma breve discussão

Desenvolvimento é pluralidade, e deve passar por integrações adaptativas para o regional, além de estar relacionado com a melhora de um determinado local, da vida dos indivíduos, e com o fortalecimento de suas liberdades. O termo “desenvolvimento” surge como uma percepção da modernidade, baseada nas concepções da lógica ocidental e sua doutrina positivista do progresso e da coesão social (Lopes, 2020).

Amartya Sen (2010) argumenta que o desenvolvimento não pode ser analisado apenas pelo viés restritivo do crescimento do PIB e da renda. A liberdade como desenvolvimento é a eliminação de privações de escolhas e a conquista de oportunidades sociais e individuais, para que as pessoas possam exercer sua condição de agente. Logo, os indivíduos são vistos como agentes ativos de mudança, e não passivos receptores de benefícios das instituições.

O crescimento econômico é importante, porém não o único para determinar o nível de desenvolvimento de uma comunidade, o que faz com que a dimensão cultural seja pouco analisada pelos autores que trabalham questões sobre desenvolvimento.

A cultura passa a ser percebida como matriz dinâmica dos sentimentos e percepções comunitárias, em que os atores passam a solicitar subsídios para a preservação de suas expressões culturais; e, assim, a diversidade cultural, a ser reconhecida como estratégia do desenvolvimento.

Ignacy Sachs (1986 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 61) reforça que “o desenvolvimento endógeno tem um papel de mobilizar a imaginação social e as forças da sociedade independente do desenvolvimento em nível nacional, sendo que é o local do ponto de partida para o desenvolvimento das sociedades”.

Na perspectiva do desenvolvimento regional, os atores locais organizam-se formando redes, em suas formas mais avançadas, “que servem de instrumentos para conhecer e entender a dinâmica do sistema produtivo e das instituições, bem como para conjugar iniciativas e executar as ações que compõem a estratégia de desenvolvimento local” (Nunes; Karnopp, 2014, p. 209).

Em Natividade, essas redes estão vinculadas à Igreja, na realização dos ritos sagrados das festas religiosas, e à ASCCUNA, que reúne a comunidade e demais atores sociais (empresários, instituições não estatais e poder público) em torno da organização, promoção, divulgação e transmissão de saberes que envolvem a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim.

Nessa relação, tem-se, de um lado, a região ou a comunidade em si, que já está organizada em torno do seu potencial de desenvolvimento e, do outro lado, o poder público, que precisa criar condições para o desenvolvimento por meio das políticas públicas.

Assim como reforça Buarque (2002 *apud* Nunes; Karnopp, 2015, p. 213), “o desenvolvimento local depende da capacidade de os atores e a sociedade local estruturarem-se e mobilizarem-se, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural, para definir e explorar suas prioridades e especificidades”.

Ignacy Sachs (2002) afirma que o desenvolvimento com base na comunidade desencadeia um processo de negociação entre eles por meio de facilitadores, que nesse caso seriam cientistas/pesquisadores, associações, agentes econômicos públicos e privados. Assim, o poder público não é mais o provedor do desenvolvimento, mas sim o articulador. Os atores locais também não são mais sujeitos passivos, e sim sujeitos ativos no processo do desenvolvimento local.

1. O *habitus* e as forças performáticas na cultura como recurso

Com os agenciamentos em torno dos patrimônios e a memória como algo fundamental dentro de uma sociedade, a cultura passou a ser vista como uma área em que se deve investir. George Yúdice (2004, p.11) explica que a cultura é “distribuída nas mais diversas formas, utilizada como atração para o desenvolvimento econômico e turístico, como mola propulsora das indústrias culturais e como uma fonte inesgotável para novas indústrias que dependem da propriedade intelectual”.

A cultura como mercadoria é diferente da cultura como recurso, pois há um lastro cultural que sustenta a esta última, senão viraria apenas mercadoria. A cultura tem o poder de construir relações, memórias e tradições.

Compreende-se aqui que o conceito de *habitus* apresentado por Pierre Bourdieu (2009) não é integralmente convergente, no sentido geral, com o conceito de forças performáticas apresentadas por George Yúdice (2004). Porém, o recorte que será atribuído neste artigo é no sentido do *habitus* enquanto reprodução do modo de vida e pressão da força performativa (condicionamentos, imposições e pressões do campo e das relações institucionais) nesse *habitus*, levantando o questionamento de como se dá essa relação.

Para Bourdieu (2009), o *habitus* é uma disposição corporal, estruturada em função das dimensões de ação, conduta do indivíduo, em uma determinada lógica cultural, mas ele também é estruturante, ou seja, o *habitus*, de uma forma mais simples, está condicionado pelo modo de vida das pessoas, mas ao mesmo tempo ele é estruturante desse modo de vida. Ele reforça e reproduz esse modo de vida, e isso quer dizer que certos aspectos da performance dos sujeitos de usar a cultura como recurso estão condicionados também pelo fato de que essa cultura vem se reproduzindo na proporção dos hábitos dos indivíduos.

Sendo assim, a performatividade emerge como uma prática social. Com isso, entende-se que, em contextos em que o *habitus* é reproduzido de uma forma mais rígida, e em que os indivíduos tendem a ser condicionados pelo *habitus*, pelo modo de vida que levam, torna-se mais difícil extrair a ideia de recurso conforme a cultura, porque o *habitus* e a cultura condicionam o próprio modo de ser daquele indivíduo.

Em Natividade, a própria atratividade do lugar vem fazendo com que os comerciantes mudem por conta própria seus estabelecimentos, de forma que fiquem mais convidativos aos turistas e se integrem à paisagem local, neste caso, o centro histórico, que é tombado como patrimônio arquitetônico. Como exemplo desses estabelecimentos na cidade, tem-se a sede e a fábrica do Biscoito Amor-Perfeito, a sorveteria Frutos do Cerrado e dois restaurantes (Casarão e Bistrô).

Dentro dessa perspectiva, tem-se em Natividade uma percepção promovida por esses sujeitos, em que há uma formação de circuitos na cidade e que refletem nas festas religiosas do local. Pode-se, assim, considerar esses circuitos como os percursos/caminhos caracterizados pela formação de atores especialistas que vão demarcando os espaços culturais da cidade, das festividades em si, e entre esses espaços um circuito vai se formando, como já acontece com as agências de turismo, ao oferecer pacotes com programação definida em Natividade, especialmente por meio do turismo cultural e turismo de experiência, o “Vida de Natividade”.

Na cidade, são exemplos desses locais: Dona Naninha (*in memoriam*) e o Tio Dozinho, com a produção do Biscoito Amor-Perfeito; os licores de jenipapo nas lojinhas e restaurante; a Dona Romana (Botelho, 2019); as joias de filigrana e os mestres de ourivesaria (Bonfim, 2019); a suça (Rosa, 2015) e o Grupo de Dança Tia Benvinda, entre outros atrativos que são o motivo da visitação, tanto em razão das pessoas como pelo lugar, que se tornou também uma atração. Então, aquilo que começou com o indivíduo, em torno do que ele fazia, criou materialidade no território e tornou-se marca do lugar, ou seja, o atrativo inicia-se com o que a pessoa faz e depois se torna o que é feito no lugar.

Portanto, os atores sociais “estabelecem estratégias e ativismos que buscam superar as normas totalizadoras, fundamentando-se no uso da cultura como recurso, o que gera possibilidades de interpretação de suas próprias necessidades” (Lopes, 2009, p. 335). E é no interior desse campo de forças performáticas que os atores desconstroem um modelo hegemônico e seguem agenciando sua autonomia e legitimidade, trazendo significação aos seus discursos e atos.

1. Os atores sociais e seus agenciamentos em Natividade

Em Natividade, os atores estão organizados sob uma lógica de compromissos identitários (Bajoit, 2006), que se faz necessária para entender os projetos que estão sendo trabalhados na cidade. Os indivíduos tentam gerir as tensões existenciais vividas dentro das suas respectivas identidades coletivas, uma vez que nem todos adotam a mesma lógica do sujeito, nem todos possuem o mesmo compromisso com determinado projeto e nem todos se comprometerão com as mesmas lógicas identitárias necessárias para o desenvolvimento da cidade (Bajoit, 2006).

Para Bajoit (2006), a própria construção da identidade projeta compromissos e planos de ação que estabelecem quadros de interação, nos quais permutas e vínculos modelam as lógicas de ação. Porém, nem todos os atores que estão vivenciando essas lógicas e com projetos na cidade atuam dessa forma.

Segundo o fotógrafo e guia de turismo Flávio Pereira de Sousa, mais conhecido como Flávio Cavalera, que atua há mais de dez anos na cidade nesse setor:

Natividade sempre teve um fluxo de turismo razoável, mas a maior parte de turistas são estudantes de universidade, escola particular e estadual que visita à cidade, as outras restantes são de agências de turismo que passam bastante por aqui para ir para o Jalapão, e acabam passando por Natividade, seja por causa de restaurante, hotel ou para fazer algum atrativo (Sousa, 2021, informação verbal)[[5]](#footnote-5).

Em Natividade operam três agências autorizadas a realizar o roteiro de Turismo de Experiência na cidade: Agência Paraíso, Agência Serra Geral e Cavalera Turismo. Com destaque para a fábrica do Biscoito Amor-Perfeito e o passeio Vida de Natividade, ambos produtos formatados como turismo de experiência. O valor médio dos passeios em Natividade custa entre R$ 150 e R$ 200 por pessoa, dependendo do passeio na cidade e da variação de dias.

Porém, os dados apresentados pelo sistema de Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (CADASTUR) não refletem com exatidão a realidade do local. Em Natividade, encontram-se registrados no CADASTUR apenas cinco das sete unidades hoteleiras existentes, no total a cidade possui 125 unidades habitacionais e 265 leitos.

Em 2016 foi implantando o voucher único, por meio do Decreto-Lei 64, de 21 de dezembro, que dispôs também sobre a regulamentação da atividade turística na cidade. Com esse dispositivo legal, também foram regulamentados os passeios turísticos da cidade, por meio de passaportes de visitação. Em Natividade, pelo que foi estabelecido em lei, os proprietários dos atrativos são obrigados a exigir o voucher único, que se torna o documento arrecadador de Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN), no valor de 4%, seja do atrativo turístico, seja do agenciamento receptivo local e/ou do condutor de turismo local. Os residentes ou nativos de Natividade são isentos de pagar o voucher único. Porém, a lei foi publicada no fim da gestão do prefeito Albany Nunes Cerqueira (2013-2016), e não houve um trabalho de divulgação e conscientização para implantação dela.

Percebe-se que há uma rixa no trade turístico local pelo acesso aos pontos turísticos e recolhimento do voucher estabelecido pelo município. O então presidente da Associação Tocantinense de Turismo Receptivo e proprietário da agência Livre Expedições de Palmas, Fernando Torres, não concorda com a cobrança de voucher único em Natividade. Para ele, o município não tem gestão na área do turismo e uma das agências locais impede o crescimento do turismo no local. “A gente tem um grande problema, porque a gente é guia regional do estado, então, quando a gente ia, ela queria cobrar que a gente contratasse um guia, um guia não, um condutor, né? [...] e não tem lógica a gente chegar aqui e contratar um condutor” (Torres, 2020, informação verbal).[[6]](#footnote-6)

Entretanto, os atores ligados ao agenciamento do turismo na cidade apoiam o voucher único e reforçam que esse instrumento auxilia o município na arrecadação. Para Verônica Tavares de Albuquerque, professora da rede básica de Ensino Fundamental II, atual presidente do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) e coordenadora do projeto Grupo de Suça “Tia Benvinda”, a Lei do Voucher Único valoriza a classe que trabalha com o turismo na cidade. “Para mim, o voucher único, ele veio para somar, para dar oportunidade para as pessoas capacitadas na cidade, para valorizar as pessoas que buscam e precisam de oportunidade na cidade.” (Albuquerque, 2021, informação verbal).[[7]](#footnote-7)

Natividade tem se destacado com as associações, como é o caso da ASCCUNA que vem atuando desde a década de 1990, sob a iniciativa da economista e nativitana Simone Camelo Araújo, em parceria com a comunidade na promoção de Natividade, desenvolvendo ações e projetos relacionados a patrimônio e cultura locais, como base de informação e de construção da história e memória do lugar; a Associação de Desenvolvimento do Turismo Sustentável e Produção Associada (ASSEGTUR), que com um ano de fundação tem organizado o trade turístico nos municípios que integram a região das Serras Gerais, incluindo Natividade; e a Associação Comercial e Industrial de Natividade (ACINAT), que retomou suas atividades e tem defendido os interesses dos comerciantes locais.

Fernanda Tainã, presidente da ASSEGTUR e uma das sócias na Agência Seriema Turismo, explica que a associação começou com os Comitês de Turismo de cada cidade da região das Serras Gerais e que vem cobrando do poder público mais atuação com políticas públicas para a região (Castro, 2020, informação verbal)[[8]](#footnote-8).

Pela ACINAT, Manoel Salvador, presidente da associação e proprietário de uma farmácia em Natividade, explicou que a associação ficou sem representação por mais de dez anos, e em 2018 retomou as atividades com ele na presidência para o mandato de dois anos.

Uma cidade turística não pode pecar nesse aspecto: limpeza, iluminação e segurança. [...] Não adianta o turista chegar aqui e ser assaltado. Não adianta o turista chegar aqui e achar a cidade cheia de lixo, não adianta o turista chegar aqui e achar a cidade escura. Então, nós temos bons atrativos, Natividade tem um povo acolhedor, nós precisamos desse turismo, nós temos uma cidade diferenciada das outras cidades, que traz esse turista para cá e temos que aproveitar esse potencial (Moura, 2020, informação verbal)[[9]](#footnote-9).

De acordo com o analista técnico do SEBRAE/Dianópolis e gestor do Projeto de Turismo nas Serras Gerais desde o fim do ano de 2016, Antônio Louça Cursino, que é da região, natural de Paranã e há 13 anos trabalha na instituição, Natividade foi um dos primeiros municípios da região da Serras Gerais que receberam o incentivo do SEBRAE por meio de projetos e consultorias para o desenvolvimento do turismo na região, fosse ele cultural, fosse histórico ou religioso. “Natividade é um dos municípios que a gente iniciou o desenvolvimento do turismo lá há mais tempo. Por si só, a cidade já tinha um movimento turístico com relação à questão histórico e cultural, cultura e religioso também envolve aí nesse processo” (Cursino, 2020, informação verbal)[[10]](#footnote-10).

Com base nas ações provocadas pelo turismo, como a regulação dos atrativos e incentivos aos atores, há esse agenciamento da cultura em prol de um desenvolvimento local por meio do turismo religioso e do turismo cultural/histórico. Com isso, o estabelecimento do roteiro “Vida de Natividade” foi um ganho para o município e para as pessoas que trabalham com o turismo.

Para a presidente da ASCCUNA, Simone Camelo, os projetos em torno da cidade fizeram com que algumas pessoas despertassem para essa renda que pode ser obtida pelo turismo.

Agora é o seguinte, o que a gente percebe é que a economia criativa de Natividade, ela cresceu bastante, com as atividades com o turismo[...]. Então, assim, a confecção de produtos mostrando essa devoção ao Senhor do Bonfim, isso tudo fez com que crescesse, por exemplo, os meninos da suça, confeccionando tamborzinho e eles estavam vendendo isso. Aí, você tem que criar esses caminhos para criar renda. Certo? Você dá essa opção, o turismo faz isso, faz com que aquela pessoa que participe, ela faça algum produto que vai ser atrativo e as pessoas comprem. Você percebeu a variedade que tem de produtos: camisetas, pano de prato? (Araújo, 2020, informação verbal)[[11]](#footnote-11).

Percebe-se que, pelos projetos para turismo em Natividade, e principalmente para turismo de experiência com a formatação do roteiro “Vida de Natividade”, a comunidade que ainda não participava começa a se interessar e encontrar maneiras de entrar nesse nicho turístico.

Antonio Cursino explica que

Antes não tinham essas apresentações culturais da suça, e ela foi desenvolvida para esse projeto. Então, são mais pessoas ganhando dinheiro. E já são seis anos que o projeto existe [Vida de Natividade] e a gente está aprendendo e fazendo formações e cursos, são muitas horas de trabalho. E aí formatou o grupo da suça, “Tia Benvinda”, que quem coordena é a professora Verônica, muito bom o trabalho deles, que já se desdobrou para o artesanato também; além do grupo de apresentação cultural, eles também fazem artesanato. E, por exemplo, o Amor-Perfeito, eles tinham uma forma de receber o turista lá, mas, depois que foi formatado o produto mesmo, as agências conseguem levar lá o turista e tem uma outra recepção, agora tem o café colonial, tem tudo o que o turista pode fazer, o que não pode, tem toda uma formatação. O ourives também, sempre recebeu visitação, mas hoje eles foram capacitados para receber o turista e como fazer, tem toda essa questão (Cursino, 2020, informação verbal)[[12]](#footnote-12).

Essa representação dos modos de vida correlaciona-se com o que Bourdieu (2009) estabelece como *habitus*, com recorte no que tange à reprodução do modo de vida, o qual recebe influências externas e faz com que os indivíduos mudem sua percepção da vida e de suas relações sociais, com o que Yúdice (2004) chama de campo de forças performáticas. Logo, a comunidade demonstra a sua cultura, declara a sua identidade (Agier, 2001), enquanto prática de identificação (Bajoit, 2006).

Figura 1 – Loja Divino Artesanato, mantida pela prefeitura, com produtos de artesãos locais.



Fonte: autora (2020); autora (2019); Albuquerque (2021).

Tanto a loja do Biscoito Amor-Perfeito quanto o restaurante Casarão, além da loja de conveniência do posto de combustível que fica às margens da BR-010, dentro do perímetro urbano de Natividade, começaram a vender “lembrancinhas”, como imagens do Divino Espírito Santo, biscoitos, licores artesanais, enxoval de cozinha com dizeres bordados “Lembrança de Natividade - TO” e imagem das Ruínas de N. S. Rosário dos Pretos, biojoias com capim dourado, crochês e imagens de santos.

Além das miniaturas das igrejas históricas da cidade esculpidas em casca de cajazeiras pelos alunos do projeto Grupo de Suça “Tia Benvinda”. Essas miniaturas também fazem alusão à dança suça, o objeto de trabalho do grupo que integra o roteiro “Vida de Natividade” que é ofertado pelas agências de turismo da cidade. O grupo também começou a produzir canecas, porta-canetas e ímãs de geladeira para a venda nos restaurantes e pontos turísticos de Natividade.

Conforme esse contexto e trazendo para a discussão sobre turismo religioso, percebe-se que há um reforço da imagem do Divino Espírito Santo e do patrimônio da cidade, como acontece com as igrejas. O turismo gira em torno do patrimônio cultural que a cidade possui, como as igrejas e a Festa do Divino Espírito Santo.

Na época da Romaria do Senhor do Bonfim, o movimento é diferente, as pessoas hospedam-se e utilizam os serviços do trade turístico de Natividade, mas também não deixam de visitar a cidade e seus locais históricos. O que traz para a discussão os estudos de Comaroff e Comaroff (2009) sobre conceito de comodificação da cultura e a busca por uma autenticidade da identidade cultural, em que a incorporação da identidade e a comodificação da cultura fazem com que diversos grupos se reinventem conforme a reflexividade sobre suas etnicidades e sobre a comercialização destas.

A menção ao perfil religioso da cidade está nos monumentos, nas miniaturas esculpidas e vendidas no comércio, no artesanato local, no nome da loja de artesanato, nas fitas do Senhor do Bonfim de Natividade ou na camiseta que leva a imagem do santo. Toda essa experiência do roteiro pode despertar o turista para retornar à cidade nos momentos das festas religiosas ou indicar a experiência para um amigo, colega ou familiar.

Apesar de todo esse roteiro e investimento no turismo cultural e de experiência, Natividade não possui Centro de Apoio ao Turista (CAT) e não possui inventário turístico. O Centro de Apoio ao Turista possui área (próxima à Igreja do Espírito Santo), projeto e recurso, porém ainda não saiu do papel. Essa falta de políticas públicas voltadas para o turismo desmotiva os que vivem no lugar, e pode ser sentida nas conversas informais com donos dos restaurantes na cidade, artesãos e demais comerciantes que vivem do turismo em Natividade.

Com relação à atuação do poder público, na cidade não havia até 2020 uma Secretaria de Turismo. Esta foi implantada na gestão atual (2021 – 2024) como uma Diretoria de Cultura e Turismo. Há um hiato de ações que os entrevistados relatam, e não só da gestão passada (2017-2020), como também da gestão anterior (2013-2016).

Ainda sobre a gestão da cultura no município, em conversas informais e entrevistas, os empresários e a comunidade como um todo reclamavam de como a cidade estava abandonada com relação à manutenção dos espaços turísticos.

Com isso, é necessário que políticas sejam implantadas como incentivo tanto pelo poder público municipal quanto estadual, e que escutem a comunidade, para que nenhum projeto surja e seja implantado “de cima para baixo”, uma vez que, no turismo, há a interação de múltiplos atores, que se relacionam em diversos graus de interdependência.

Para Carmenizia Cardoso da Silva, guia local em Natividade, é preciso conhecer para pertencer e valorizar. A guia nasceu e cresceu em Natividade, mas passou muitos anos fora da cidade e, depois que retornou, começou a trabalhar com o turismo. “E a gente vê de certa forma a cidade evoluindo, mas eu percebo que ela vem evoluindo não pelo investimento dos gestores, percebo que ela evolui pelo espírito empreendedor que o nativitano tem, sabe?” (Silva, 2021*, informação verbal*).[[13]](#footnote-13)

Os atores sociais envolvidos no processo reconhecem-se como agentes endógenos capazes de promover o desenvolvimento em sua região, sem depender dos agentes exógenos, como poder público e paraestatal.

Percebe-se que existe uma lógica de organização dos atores na comunidade de Natividade, em que há os agenciamentos em torno das festas religiosas, porém esses mesmos atores não pretendem, por enquanto, afirmar a cidade como um destino para o turismo religioso dentro do Tocantins. Há, na cidade, uma autopromoção de atores isolados ou agrupados por afinidades familiares. Ainda, as ações são voltadas para o turismo cultural, o turismo de vivência e, mais recentemente, o turismo de aventura/ecoturismo.

Outro ponto que se observa nas falas dos entrevistados é que ainda não há uma consciência comunitária de que o turismo, de uma forma geral, e o turismo religioso possam ser um atrativo na cidade e gerar renda. Há uma consciência individualizada, e falta, portanto, criar e colocar em prática a rede de atores com projetos e ações.

Antônio Cursino, ressalta a mesma dificuldade apontada por Simone Camelo, que os próprios comerciantes ou aspirantes a comerciantes não se veem como empresários que fomentam o turismo, e que, por vezes, a comunidade em si não quer turista na cidade. “O artesão, principalmente o artesão, porque é um dos segmentos que a gente tem mais dificuldade com eles, porque eles não se veem como empresários” (Cursino, 2020, informação verbal)[[14]](#footnote-14).

O desenvolvimento deve partir da comunidade, da iniciativa e do comprometimento dos atores endógenos para encontrarem o caminho ideal na promoção do turismo religioso, não deixando de lado o apoio dos agentes exógenos na construção desse modelo.

1. Considerações Finais

Supõe-se que a identidade religiosa atribuída à cidade de Natividade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas religiosas adquirem centralidade. E essa afirmativa se torna factível, uma vez que foi com o apoio dos agentes exógenos que se iniciou um processo de organização do trade turístico na cidade, mesmo que voltado para o turismo de experiência e o turismo cultural.

Logo, ainda não há uma consciência comunitária de que o turismo religioso possa ser atrativo, mas sim há uma consciência individualizada; e falta, portanto, criar e colocar em prática a rede de atores com projetos e ações. Assim, percebe-se que há uma gama de interesses difusos e sazonais, além de disputas por “exclusividade” em determinadas atividades dentro do município. Sem contar a total dependência de outro ator social, no caso a ASCCUNA, para dar prosseguimento aos projetos que mantêm Natividade como uma cidade de arquitetura patrimonializada, com festas religiosas que atraem grande público (independentemente da religião), porém ainda são direcionadas a um público muito específico e local.

O turismo religioso pode ser visto como algo com grande potencial para a região, uma vez que há demanda, apesar de se expressar de maneira diferente nas duas festas analisadas: a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim.

**Referências**

ABREU, Martha. *O império do Divino*: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro; São Paulo: Nova Fronteira; FAPESP, 1999.

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.

ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. *Entrevista III*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 30 mar. 2021. 1 mp3 (12 min).

ARAÚJO, Simone Camelo de. *Entrevista VII*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 4 out. 2021. 1 mp3 (66 min).

BAJOIT, Guy. *Tudo muda*: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí; Lisboa: Editora Unijuí; CEOS, 2006.

BONFIM, Wátila Misla Fernandes. *Os filigraneiros de Natividade, Tocantins*: patrimônio imaterial, identidade e turismo. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

BONFIM, Wátila Misla Fernandes; ARAÚJO, Simone Camêlo; NASCIMENTO, Núbia Nogueira do (org.). *Natividade - TO: patrimônio do Brasil*. Goiânia: Editora Kelps, 2021.

BOTELHO, Nayara Lopes. Corpo, comunicação e performance em Romana de Natividade. 2019. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. Entrevista IV. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 28 ago. 2020. 1 mp3 (51 min).

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. *Etnicidad S.A.* Madrid: Katz Editores, 2011.

CURSINO, Antônio Louça. Entrevista VI. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 28 ago. 2020. 1 mp3 (43 min).

HANDCOCK, Mark S., GILE, Krista. J. *On the concept of snowball sampling*. [stat AP]. Disponível em: http://arxiv.org/PS\_cache/arxiv/pdf/1108/1108.0301v1.pdf. Acesso em: 27 out. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Natividade: panorama*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/natividade/panorama>. Aceso em: 16 jan 2024.

LOPES, Aurélio. *Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo*. Lisboa: Edições Cosmos, 2004.

LOPES, José Rogério. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 331-335, jan./jun. 2009.

LOPES, Jose Rogério. La concepción del desarollo y las políticas culturales: del modelo de oferta a la elección de modelos. *In*: PIZZIO, Alex; SÁNCHEZ ALMANZA, Adolfo; RODRIGUES, Waldecy. *Desarrollo regional en perspectivas comparadas*: los casos de Brasil y México. Brasília: Verbena Editora, 2020. p. 48-80.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção*: as Festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO. 2010. Tese (Doutorado em História) –Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: http://portais.ufg.br/uploads/113/original\_Tese\_Noeci\_Carval ho\_Messias.pdf. Acesso em: 23 ago. 2011.

MOURA, Manoel Salvador. Entrevista V. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 16 set. 2020. 1 mp3 (32 min).

NUNES, Osmar Manoel; KARNOPP, Erika. As potencialidades endógenas do desenvolvimento regional: estudo de caso do município de Júlio de Castilhos/RS. *Desenvolvimento em Questão*, v. 13, n. 30, p. 203-229, 29 jan. 2015.

OLIVEIRA, Frederico Salomé de. O catolicismo rústico ganha uma cidade nova: a Festa do Divino da Comunidade Canela, antes e depois de Palmas/TO. In: *ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 6., 2010, Salvador.

PEDREIRA, Pe. Jones Ronaldo. *Romaria do Senhor do Bonfim/Natividade – TO*. Porto Nacional: R&M Gráfica e Editora, 2016. p. 29.

ROSA, Eloisa Marques. A suça em Natividade: festa, batuque e ancestralidade. 2015. *Dissertação* (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Carmenizia Cardoso da. *Entrevista VIII*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 17 abr. 2021. 1 mp3 (6 min).

SOUSA, Flávio Pereira de. *Entrevista I*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 15 abr. 2021. 1 mp3 (18 min).

SOUSA, Poliana Macedo de. *A festa do Divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade (TO)*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade (TO). *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 219-238, jul./dez. 2012.

TORRES, Fernando. *Entrevista II*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 3 set. 2020. 1 mp3 (3 min).

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura*: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

1. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Brasil. E-mail: [polimacedo@gmail.com](mailto:polimacedo@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Instrução Normativa 001/2012, que disciplina os procedimentos para inclusão de eventos culturais no Calendário e Agenda Culturais do Tocantins e dá outras providências. [↑](#footnote-ref-2)
3. De acordo com o Novo Testamento da Bíblia Sagrada, marca no calendário cristão a descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria e os apóstolos e o início da expansão da Igreja no mundo. [↑](#footnote-ref-3)
4. *Cf.* <http://hemerotecadigital.bn.com>. Acesso em: 20 jan. 2024. [↑](#footnote-ref-4)
5. SOUSA, Flávio Pereira de. *Entrevista I*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 15 abr. 2021. 1 mp3 (18 min). [↑](#footnote-ref-5)
6. TORRES, Fernando. *Entrevista II*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 3 set. 2020. 1 mp3 (3 min). [↑](#footnote-ref-6)
7. ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. *Entrevista III*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 30 mar. 2021. 1 mp3 (12 min). [↑](#footnote-ref-7)
8. CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. Entrevista IV. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 28 ago. 2020. 1 mp3 (51 min). [↑](#footnote-ref-8)
9. MOURA, Manoel Salvador. Entrevista V. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 16 set. 2020. 1 mp3 (32 min). [↑](#footnote-ref-9)
10. CURSINO, Antônio Louça. Entrevista VI. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 28 ago. 2020. 1 mp3 (43 min). [↑](#footnote-ref-10)
11. ARAÚJO, Simone Camelo de. *Entrevista VII*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 4 out. 2021. 1 mp3 (66 min). [↑](#footnote-ref-11)
12. CURSINO, Antônio Louça. Entrevista VI. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 28 ago. 2020. 1 mp3 (43 min). [↑](#footnote-ref-12)
13. SILVA, Carmenizia Cardoso da. *Entrevista VIII*. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 17 abr. 2021. 1 mp3 (6 min). [↑](#footnote-ref-13)
14. CURSINO, Antônio Louça. Entrevista VI. [Entrevista cedida a] Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 28 ago. 2020. 1 mp3 (43 min). [↑](#footnote-ref-14)